

«Gostava de ser um indivíduo rico para ter uma grande colecção!»



«Não nasceu comigo este amor pela arte e pelas antiguidades»

Jorge Mota é um médico gastroenterologista português que por influência familiar coleciona antiguidades.

Desde muito cedo, ainda novito, quando tinha apenas 10 anos, começou a acompanhar o pai por antiquários, museus, lojas de velharias, exposições, enfim... tudo o que envolve o mundo das artes e das antiguidades.

Apesar da influência do pai, confessa que «podia ter chegado à adolescência ou à maioridade e ter partido para outra coisa qualquer», até porque, afirma, «não nasceu comigo este amor pela arte e pelas antiguidades». Ainda assim, este foi «um vício que ficou», já lá vão cinquenta anos.

No entanto, a medicina era o seu principal objectivo de vida, pois, como refere, «eu sempre quis ser médico e acho que tenho jeito para ser médico». Por isso, depois do 25 de Abril, que o apanhou em Angola, «voltei, fiz o meu internato e a minha carreira hospitalar». Após cerca de trinta anos em hospitais, Jorge Mota exerce, actualmente, actividade privada.

Coleccionar arte antiga é o seu primeiro hobby, sendo que o segundo é viajar. «Adoro viajar», revela Jorge Mota, acrescentando que «vou fazer uma viagem de cerca de um mês à Índia, no próximo mês de Fevereiro».

O futebol é outra das paixões deste médico português, que, além de sócio, considera-se «fanático fundamentalista

do Futebol Clube do Porto». Orgulhoso, refere que «nasci e cresci nas Antas e com 7 anos fui à inauguração do estádio».

Além de se considerar um indivíduo com boa memória, confessa que o seu principal defeito é ser «um indivíduo assim, um bocado flutuante», explicando que «tenho dias». O seu humor de manhã «é péssimo, mas depois melhora com o decorrer do dia». Teimosia quanto basta, afirma não ser um homem rançoso nem vingativo. Embora possa parecer estranho, quanto mais não seja pela profissão, Jorge Mota confessa ser um bocadinho hipocondríaco. «Tenho uma hipocondria assim, selectiva». Apesar de lidar diariamente com o cancro, Jorge Mota afirma que «não tenho medo ou pânico do cancro, tenho sim, fundamentalmente, e devido a antecedentes familiares, medo de ataque cardíaco».

Jorge Mota confessa ser um homem sem vícios particulares e sem nenhuma filosofia proibicionista, revelando que «fumo, pouco, mas fumo; bebo, pouco, mas bebo».

Recentemente, este médico colecionador esteve na Região, no âmbito do Encontro da Associação Amigos do Oriente, da qual é sócio-fundador, por sinal «sócio número 1», altura em que foi também inaugurada uma exposição de artes decorativas, no Museu da Quinta das Cruzes, de peças da sua colecção.

MIGUEL NÓBREGA

Conciliar a vida de médico com o colecionismo é, para Jorge Mota, «fácil e simples». O único problema está na «conciliação financeira, porque isto são objectos de preço». Aliás, como explica, «cada vez mais caros». Embora reconheça que «o meu gosto não muda por causa disso», lamenta que assim seja, até porque considera que «a capacidade financeira de um médico é limitada». Por isso, afirma que «gostava de ser um indivíduo rico para ter uma grande colecção».

O mundo das antiguidades e das artes decorativas, de acordo com Jorge Mota, é «uma floresta em que há verbas investidas». Portanto, «temos de ter cuidado, porque senão é uma forma de empobrecer alegremente».

O médico colecionador confessa que «desde que coleciono antiguidades que sou muito melhor em cálculo mental, porque tenho que rapidamente multiplicar e subtrair». Recusando-se revelar o valor real da sua colecção – refere simplesmente que «tem um valor sentimental muito grande» –, até porque «não posso especificar exactamente quantas peças compõem a colecção, afirma que «tenho peças que se pode expor em qualquer museu da Europa e dos Estados Unidos, mas não tenho uma grande colecção».

Cá na Região, e até ao dia 28 de Fevereiro de 2006, encontram-se em exposição, no Museu da Quinta das Cruzes, cerca de 260 peças suas. Em sua casa, «ainda ficaram algumas coisas que não tinham particular interesse», além do mobiliário grande que não é possível transportar.

Jorge Mota coabita – num apartamento, «é um duplex, mas é um apartamento» – com a sua colecção, garantindo que não é nada difícil passear pela casa no

meio de tamanha raridade e valorosidade. Como explica, «as coisas estão bem organizadas e sobretudo o que é sensível está guardado em vitrinas, com vidro muito grosso». Mesmo assim, faz questão de realçar que vive numa «casa normal, não num museu». No entanto, confessa ser um quebra-cabeças quando recebe visitas em casa. Em tom de desabafo, Jorge Mota revela que «se for pessoas do meio, não tenho problemas, mas quando não o são...». Por isso, sem meias medidas, «no caso de se tratar de pessoas pouco conhecidas, mando tirar as pratas», argumentando que «não é que seja com medo que me roubem as pratas, simplesmente porque a prata enche assim o olho e eu não gosto de dar nas vistas».

Os seus vizinhos nem sonham, pois Jorge Mota faz «tudo de forma muito discreta, por causa da segurança». Embora o colecionador tome «as medidas necessárias», reconhece que «tenho tido sorte e nunca passei por nenhuma situação delicada».

Jorge Mota acciona sempre os meios necessários de forma a que tudo seja feito com a maior discrição e segurança possíveis. Por isso, afirma não ter qualquer receio quando as suas peças saem da sua casa para serem expostas num sítio qualquer.

No entanto, garante que foi «muito complicado ver entrar em minha casa 36 caixotes, muito grandes», destinados a «arrumar» as peças que iriam ser expostas no Museu da Quinta das Cruzes, pois «nunca tinha saído tanta peça de uma vez só».

Mesmo assim, há uma série de medidas que devem ser tomadas, nomeadamente «a escolha do transportador e o seguro adequado. Depois, é só esperar que as coisas corram bem».

E como mais vale prevenir que remediar, os 36 caixotes foram

divididos em sete aviões. De acordo com Jorge Mota, «é a tal história de dividir os ovos pelos cestos», o que também é uma prática normal.

Apesar de esta exposição ter sido «começada a falar há imenso tempo», mais concretamente na altura da fundação dos Amigos do Oriente, em Novembro de 99, só agora houve possibilidade de «encaixar isto nas comemorações dos 500 Anos da Cidade do Funchal, e trazer cá, pela primeira vez, a Associação Amigos do Oriente».

A sua única dúvida em relação a esta exposição, confessa Jorge Mota, prendia-se como tamanho das vitrinas, «porque são muito grandes e eu não sabia se tinha material para tanta coisa». Agora, depois de «montada», afirma que «a exposição está muito bem, muito elegante, as peças respiram muito melhor do que em minha casa e está alegre, com uma perspectiva muito boa». Além disso, declara que «a harmonia entre as minhas peças e as do museu foi ótima».

«Um Olhar do Porto» – é assim que se intitula a exposição patente no Museu da Quinta das Cruzes. De acordo com Jorge Mota, chama-se «Um Olhar do Porto» porque eu sou português e nós do Norte somos muito bairristas. Embora confrontado várias vezes com o facto de esta designação induzir as pessoas em erro, porque reconhece que, à partida, pressupõe a ideia de que se trata de uma exposição sobre o Porto, afirma que «claro as pessoas terão de ler, obrigatoriamente, o subtítulo: «Uma colecção de artes decorativas». Por isso, apela aos madeirenses a visitarem «esta exposição, que está bastante, é bonita, está bem explicada e tem um bom catálogo».

«Não basta ter dinheiro. É preciso gosto, critério e tempo.»

«A capacidade financeira de um médico é limitada.»



O único conselho que dou aos colecionadores é perguntar, perguntar, perguntar, aprender, aprender, ler, ler, ler, ver, ver, ver e ... muita calma antes de se atirarem para a piscina, porque na maior parte dos casos a piscina não tem água.»

